PRÁTICA EDUCATIVA INTERSECCIONAL: O CONTEXTO DA CASA ENCANTADA/CIADI NA PERSPECTIVA DAS DIVERSIDADES NA INFÂNCIA

Francisco Gabriel Pereira Nascimento Farias[1]
Ineildes Calheiro[2]

RESUMO

Este trabalho é fundamentado a partir das experiências de um educador do eixo de "Culturas e Matrizes Africanas do projeto Casa Encantada", vinculado ao "Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil – CIADI", localizado em Redenção/CE, bem como no desenvolvimento de uma prática educacional interseccional. O estudo é direcionado para às discussões sobre determinadas atividades do eixo de Culturas e Matrizes Africanas, com base em raça e gênero de forma interseccional (Collins; Bilge, 2021). De modo que é contextualizada na infância, por meio de uma prática educativa dialógica, de conscientização e crítica (Freire, 1987). O objetivo é refletir sobre a importância do desenvolvimento de uma educação crítica e dialógica, por meio de uma pedagogia humanizadora, libertadora e interseccional, através da conscientização de pertença dos corpos e raças. O método utilizado neste trabalho é qualitativo, por meio da observação participante, revisão de literatura e análise de documento do diário de bordo do educador, realizando as práticas de duas atividades, a citar "Minhas tranças: a semente da resistência" com o foco no desenvolvimento das consciências raciais e debates das culturas afro-brasileiras e Afro-Centradas e "Meu corpo: Partes que se completam", com o desenvolvimento das percepções críticas e dialógicas com relação às diversidades de corpos por meio da ludicidade. Destaca-se que esta formação pedagógica tem impactos diretos na infância e nesse contexto de atuação, por meio de intervenções das práticas pedagógicas, baseando-se nas críticas e na interseccionalidade.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil; CIADI; Interseccionalidade; Cuturas e Matrizes Africanas.

UNILAB/CE, Bacharel em humanidades,graduando do curso de pedagogia instituto de humanidades, bolsista PRO-CIADI, Discente, gabrielfarias@aluno.unilab.edu.br[1]
UNILAB/CE, Dra. Em Difusão do conhecimento. Docente colaboradora do CIADI, Docente, ildafrica@yahoo.com.br[2]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

O Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil - CIADI - é um projeto desenvolvido por professores de diferentes institutos e áreas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), com educadores e educadoras (bolsistas e voluntários), na região do Maciço de Baturité. O cerne deste projeto é o acolhimento de crianças entre 4 a 10 anos, no contra turno escolar, a qual desenvolve atividades interdisciplinares de extensão, ensino e pesquisa, com foco em uma educação antirracista e humanizada, de forma contextualizada (Caiado, et al., 2021). No ano de 2017, foi fundada a Casa Encantada - projeto do CIADI, em parceria com a prefeitura de Redenção.

O objetivo do projeto visa desenvolver ações extensivas integradas e interdisciplinares visando o desenvolvimento infantil; Formar estudantes atuantes (educadores) e capacitá-los continuamente como profissionais da educação em uma perspectivas intercultural, antirracista e interdisciplinar. Reconhecer e vivenciar os desafios da construção de parentalidade contribuindo com a permanência, melhoria do desempenho e conclusão da graduação da(o) estudante mãe/pai da universidade propondo um suporte psicológico, pedagógico e ofertas de atividades extracurriculares propondo assim um apoio à permanência estudantil, sendo ofertado também a comunidade do Maciço de Baturité (Caiado, et al. 2021).

A execução do projeto ocorre nos horários de 13h às 17h, de segunda a sexta. Com o foco em quatro temas geradores, a citar: “Corpos e estilos, Povos originários, Terra e vida e Infância e sociedades, transversalizando os seis eixos de atuação: Etnociências; Artes; Cultivo da terra; Ludicidade, Griôs (contação de histórias) e Matrizes e Culturas Africanas”. O debate é direcionado às interações interseccionais de raça e gênero entre as crianças e também com os educadores atuantes do projeto, promovendo um debate sobre os desafios e percalços enfrentados no contexto dessa educação não escolar e interseccional, pensando a interseccionalidade de raça e gênero (Collins; Bilge, 2021), contextualizada na educação infantil, por meio das práticas pedagógicas críticas e dialogadas (Freire, 1987).

METODOLOGIA

O método de análise deste estudo é qualitativo, por meio de observação participante, revisão de literatura e análise de documento do diário de bordo do educador. Segundo Martins (2017, p. 295), “[...] a metodologia qualitativa, mais do que qualquer outra, levanta questões éticas, principalmente, devido à proximidade entre pesquisador e pesquisados”. Dessa forma, fica evidente a importância dessa proximidade por meio do método da observação participante do educador.

O trabalho da interseccionalidade mencionada é direcionado aos estudos de gêneros e raças, a qual, segundo os estudos de Collins e Bilge (2021), essas questões interseccionais orbitam em volta dos poderes estabelecidos nas relações sociais que são marcadas pelas subjetividades. O trabalho tem como foco alcançar os objetivos e responder às seguintes questões: (1) Quais os desafios da implementação de uma educação antirracista e antissexista em um contexto não escolarizado? (2) Qual a importância do desenvolvimento da interseccionalidade na educação infantil?

As atividades descritas ocorreram entre os meses de agosto a setembro, no terceiro bimestre de atuação do projeto com o tema gerador de “Terra e vida”, a primeira a citar: “Minhas tranças: a semente da resistência” foi executada por meio de uma oficina de tranças com o foco no desenvolvimento das consciências raciais e debates das culturas afro-brasileiras e Afro-Centradas, e a segunda a citar: “Meu corpo: Partes que se completam” que trabalhou com às percepções críticas e dialógicas com relação às diversidades de corpos, de forma lúdica. As duas atividades foram desenvolvidas com oito crianças, todas de nacionalidade brasileira,

ISSN: 2447-6161

tendo a presença de duas meninas e seis meninos, sendo duas meninas loiras, um menino loiro, um menino negro, três meninos pardos e uma menina parda. Por sua vez, o educador promoveu a discussão sobre interseccionalidade com base em raças e gêneros, com recorte das experiências e vivências do projeto da Casa Encantada - CIADI, como uma prática educativa inclusiva relacionada às pluralidades de corpos, raças e mentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Parte I - “Minhas tranças: a semente da resistência”

O educador realizou esta atividade em um encontro do eixo de Culturas e Matrizes Africanas, no terceiro bimestre de execução do projeto no dia 05 de outubro de 2024, com o título: “Minhas tranças: a semente da resistência”, durante o qual, ele aplicou uma oficina de tranças, com o intuito de trabalhar as consciências de raças, o debate sobre as vivências das culturas afro-brasileiras e Afro-Centradas e a questão da descentralização das imposições machistas com relações as performances de binaridades de gêneros.

No decorrer da atividade surgiram algumas questões nas falas de determinadas crianças com relação a alguns estereótipos de reprodução machistas e sexistas, logo após a apresentação da proposta da atividade um dos meninos pardos falou: “como os meninos vão fazer tranças se tranças é coisa de mulher?”, e “mas menino que tem cabelo longo é mulherzinha”, idealizando uma conduta normativa das performances do que é “coisa de homem” e o que é “coisa de mulher.”

Judith Butler (1990), em sua obra “Problemas de gêneros: Feminismo e subversão da identidade”, expõe o problema da naturalização das condutas sociais que focam apenas na binaridade de gênero e nas performances cisnormativa, como algo inquestionavelmente correto. Relacionando esta afirmação de Butler (1990) com os desenvolvimentos na infância, é notório o impacto direto dessa temática direcionada a formação integral das crianças, com relação às suas percepções das raças e gêneros, de forma interseccional.

Após as falas das crianças, foi realizada uma “roda interativa”, estas puderam expressar suas opiniões com relação a determinados assuntos que foram levantados para debate. A intervenção do educador foi por meio de questionamentos em relação a essas falas, após serem questionadas e questionados, um menino de cabelos longos, loiro e branco, falou: “Tio, eu sou menino e tenho cabelos grandes, minha mãe disse que não tem problema em meninos terem cabelos longos”, já outro menino, pardo, falou “mas meu pai disse que menino não pode ter cabelo grande, porque isso é coisa de menina”.

Isso evidenciou a presença da cultura cisheteronormativa que é pregada desde a infância, sendo imposto aos sujeitos de forma modeladora, de forma opressora. De acordo com Calheiro (2017), os corpos sexuados, generificados são construídos a partir de tecnologias de gênero, como os cabelos grandes de meninas e cabelos curtos de meninos e o que sair desse padrão é considerado algo anormal.

Desta maneira é perceptível o impacto direto das famílias na formação das crianças, nas suas compreensões de mundo e sobre as diversidades de raças e gêneros existentes, sendo a família representadas como espelhos que refletem as condutas “corretas socialmente”. O desenvolvimento de outras atividades que tiveram o intuito direcionado às questões de diversidade de corpos, a citar no próximo ponto.

Parte II - “Meu corpo: Partes que se completam”

A segunda atividade ocorreu no dia 30/09/2024, com o título: “Meu corpo: Partes que se completam”. Antes de iniciar a atividade, foi realizada uma roda de debate, durante a qual as crianças foram direcionadas a falar sobre as diferenças existentes na sala, com relação a gêneros, raças e personalidades. O intuito dessa atividade foi trabalhar as questões das diversidades de corpos de forma lúdica com as crianças, em que elas e eles se dividiram em duplas ou trios para criar as partes de um corpo, no decorrer da atividade foi

ISSN: 2447-6161

perceptível a empolgação deles para descobrir o que estavam construindo.

Foi feito “um corpo” de papel e montaram na parede. O corpo continha um sutiã, uma calcinha e uma gravata. Foi questionado a eles o que aquele corpo seria? Eles disseram à menina e após foi feita a “roda interativa” que teve o intuito de socializar a execução dessa atividade, a fim de debater suas percepções em relação à temática das diversidades corpóreas por meio de algo táteis a eles. Os autores consideram essa atividade como um meio estratégico de intervenção, onde o educador contextualiza os problemas levantados na atividade da oficina das tranças e a de diversidade de corpos, para ser observado os resultados daquela intervenção pedagógica.

Essa conduta pedagógica de intervenção e diálogo entre educador e educando, parte dos conceitos freiriano para ser alcançada uma educação libertadora e humanizada. Em sua obra “Pedagogia do oprimido”, Freire (1987) faz a discussão das relações de coerções entre os indivíduos que são opressores e os que são oprimidos, e em como funciona o sistema de poderes dessas classes. Ele está pensando na educação dialógica como um meio de libertação, em contraposição à educação antidialógica. Essa liberdade é pensada através do desenvolvimento da consciência de pertencimento dos indivíduos, buscando sua autonomia frente a manipulação, em uma ação colaboradora.

Desta forma, o educador não é um ser supremo em sala, detentor de todo o conhecimento, mas sim um mediador de assuntos que ajudará na formação de seus educandos, receptando suas falas e, quando problematizadas, debater porque determinado pensamento é compreendido daquela forma e se tem possibilidades de ser pensado de forma diferente.

CONCLUSÕES

Este estudo esboçou, por meio das discussões estabelecidas, a importância do trabalho da interseccionalidade de gêneros e raças ainda na infância, com o intuito de se contrapor às reproduções racistas, machistas e sexistas, reproduzidos por meio do que seja “correto socialmente”.

Realizando a prática educativa freireana, que tem foco no desenvolvimento da consciência de pertencimento ainda na infância, o educador pretende que, desde a primeira infância, a educação seja de efetiva liberdade e humanidade, por meio da interseccionalidade, que possibilita mudanças a longo ou curto prazo.

AGRADECIMENTOS

Ao Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento Infantil (CIADI) e à Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis (PROPAE), da UNILAB pela concessão de bolsa por meio do edital Pro-CIADI.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CALHEIRO, Ineildes. As mulheres árbitras de futebol: tecnologias de gênero e divisão sexual do trabalho. Novas Edições Acadêmicas, 2017.

CAIADO, Ana Paula, S. et al. Semeando a terra e colhendo baobás: seis anos do Centro Integrado de Atenção ao Desenvolvimento. In: MONTEIRO, Artemisa O. C.; LIMA, Ivan. C. (Orgs). UNILAB 10 anos: Experiências, desafios e perspectivas de uma Universidade Internacional com a África e Timor -Leste no interior da Bahia e

ISSN: 2447-6161

do Ceará. Vol 1. [Eletrônico] Fortaleza: Imprece, 2021, pp. 84-99.
COLLINS, patricia hill; BILGE, sirma. INTERSECCIONALIDADE.São Paulo; boitempo; 2021.
FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
MARTINS, Heloisa. Metodologia qualitativa de pesquisa. Estud. Sociol. Araraquara. V.22 N°42. 2017.

ISSN: 2447-6161